

**NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA
A VERSATILIDADE DA FÓRMULA DISCURSIVA
NA LITERATURA INFANTIL¹⁹**

Patricia Ferreira Neves Ribeiro²⁰

RESUMO

Este artigo visa investigar a presença de fórmulas discursivas alteradas no domínio da literatura infantil. Neste estudo, problematiza-se o emprego de fórmulas (re)enunciadas para refletir sobre questões sociais que essas fórmulas ajudam a (des)construir diante do leitor aprendiz. Interessa observar se as fórmulas alteradas funcionam ou como um regime próprio de citação de enunciados (des)cristalizados ou como, efetivamente, mecanismos estratégicos para a construção de efeitos de sentido que “falam” discursivamente sobre a maneira como crenças de uma comunidade são postas em narrativa e sustentam certos imaginários sociodiscursivos – conforme noção tomada da Semiolinguística. O *corpus* selecionado é examinado em nível qualitativo, procedendo-se à descrição e à avaliação das escolhas lexicais de (re)construção das fórmulas discursivas. Nessa avaliação, considera-se a proposição segundo a qual o ato linguageiro, em sua dupla face explícita e implícita, resulta de uma articulação estrutural – da Simbolização referencial – e serial – da Significação atribuída pelas *circunstâncias do discurso*.

Palavras-chave: Fórmulas versáteis. Imaginários sociodiscursivos. Efeitos de sentido. Literatura infantojuvenil.

¹⁹ Este artigo é uma versão modificada de outro (publicado na revista *Desenredo*, vol. 9, 2013), escrito a propósito do livro *No Caminho de Alvinho Tinha uma Pedra*, de Ruth Rocha e Ivan Zigg.

²⁰ Doutora em letras vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora de língua portuguesa na Universidade Federal Fluminense. E-mail: patteitura@gmail.com.

1. *O início do caminho*

A circulação de expressões (des)cristalizadas na literatura infantil tem se revelado campo fértil para a evocação de um olhar sobre jogos de poder e modos de leitura que se inscrevem nesse domínio literário endereçado não apenas, mas também, à criança. O exame de fórmulas discursivas recriadas possibilita não só a reflexão sobre imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 2006) que lhes são correspondentes, como também sobre diferentes construções de leitura que perpassam o universo da literatura infantil.

Os imaginários sociodiscursivos, sendo um testemunho dos julgamentos que a coletividade faz de suas atividades sociais (CHARAUDEAU, 2006), podem variar ou não à medida que uma fórmula é recriada. E a qualidade dessa variação tem relação direta com os modos de leitura que disseminam “polos ideológicos” sobre a formação do leitor.

Reconhece-se que expressões (des)cristalizadas, ou ainda, fórmulas discursivas e suas alterações são meios frequentes de difusão de julgamentos coletivos estereotipados e, por vezes, simultaneamente deslocados. Assim, é possível *problematizar* o uso de fórmulas discursivas em livros ilustrados, cujo público é (também) a criança.

A escolha de livros ilustrados para a apreensão de fórmulas discursivas e de suas derivações justifica-se, primordialmente, pelo fato de ser possível mostrar como o leitor aprendiz pode ser inserido nessa problematização, isto é, na “densidade história que se presentifica” (MOTTA & SALGADO, 2011, p. 5) na circulação das fórmulas discursivas.

O emprego constitutivo, e não ornamental, de sequências (des)cristalizadas, no âmbito da literatura infantil, faz delas lugar privilegiado de produção de sentido, uma vez que possibilita a ins-

crição de crenças, valores e princípios no texto. Com efeito, pode-se pensar como o leitor é afetado por esse dizer alheio sintético que assevera – mediante jogos de poder calcados naquelas crenças, valores e princípios – ora vozes mais consensuais, ora mais questionadoras diante de uma comunidade.

2. *Para um caminho seguro*

No sentido dado pela análise do discurso, Charaudeau e Maingueneau mostram que o estereótipo é, “com os *topoi* ou lugares-comuns, uma das formas adotadas pela *doxa*, ou conjunto de crenças e opiniões partilhadas que fundamentam a comunicação e autorizam a interação verbal” (2004, p. 215). O estereótipo é o alicerce sobre o qual os interlocutores se apoiam para estabelecer comunicação, ação entre si. Isso se explica porque a palavra alheia, inscrita nos enunciados, é sempre retomada e respondida na interação verbal. Todo enunciado se constrói, portanto, sobre estereótipos, isto é, “sobre o já-dito e o já-pensado que ele modula e, eventualmente, transforma.”

Pensando em algumas enunciações-síntese como um fenômeno de estereotipia, é possível defini-las como uma representação coletiva cristalizada. Sendo essa representação estereotipada, tais enunciações circulam pelas trocas verbais não só indicando a intrínseca necessidade de se estabelecer normas de conduta aos homens de certa comunidade, mas também revelando os ajustes por que passam os valores instrutivos que divulgam. Portanto, a cristalização, sob a qual enunciações-síntese se estruturam, está longe de esgotar seu valor discursivo, porque, como se pode ver, na prática, estão abertas a muitas ressignificações.

Os estereótipos linguísticos são fixados na memória de uma comunidade linguística, depois de serem adquiridos pelos falantes com o conhecimento e o uso da língua. Além disso, são enuncia-

dos genéricos que, mesmo transportados para situações específicas de enunciação, definem-se por promover uma relação convencional, consensualmente partilhada entre a estrutura sintática e o conceito nomeado acerca de valores de um grupo social. Quando introduzidos, os estereótipos linguísticos facilitam a compreensão por parte do interlocutor, sendo mecanismos para a difusão de sentidos consensualmente instituídos.

Considerando o caminho até aqui proposto, examina-se, nesta pesquisa, a estereotipia linguística, com vistas à apreensão dos discursos que a modelam e que a fazem circular. Acredita-se que esses discursos alimentem a prática linguageira da estereotipia com o que foi pré-fixado pelo consenso, mas também com o que é modulado pela singularidade, numa espécie de *continuum*. Na constituição de um modo de leitura eficaz é essencial a investigação desse *continuum*, no que pese a natureza do próprio fenômeno linguageiro.

Com vistas à execução do que se postula neste artigo, é necessário recorrer também à noção de fórmula proposta por Alice Krieg-Planque (2010). Essa recorrência é necessária, sobretudo, para que se refine o conceito de estereotipia sobre o qual se debruce este trabalho.

Consoante Krieg-Planque (2010, p. 67) “a fórmula tem um caráter cristalizado pelo qual ela se identifica com uma materialidade linguística particular”, podendo, contudo, existir através de variadas paráfrases de que ela é a cristalização, o que inibe a imposição de um formalismo absoluto sobre o referido conceito. Vale ressaltar, entretanto, que ela não existe fora de uma sequência cristalizada bem identificável que condensa as múltiplas paráfrases.

Nesse sentido, não são fórmulas, grosso modo, os estereótipos de pensamento, uma vez que não são coconstruídos por uma “sequência verbal estável e repetida” (2010, p.69). Desse modo,

no trabalho proposto, a análise recai, essencialmente, sobre os estereótipos linguísticos – entendidos como fórmulas – e sobre suas derivações.

O conceito de fórmula se sustenta sobre quatro pilares. Na concepção de Krieg-Planque (2010), uma fórmula: a) tem um caráter cristalizado; b) assume uma perspectiva discursiva; c) exerce papel de referente social; d) abriga um aspecto polêmico. Dentro dessa perspectiva teórica, ressalta-se que essas quatro propriedades podem apresentar-se de maneira desigual, sendo cada uma delas mais ou menos verificável na enunciação da fórmula. São, nos termos de Krieg-Planque (2010, p. 111), “verificáveis em *continua*, e não mensuráveis em termos de presença ou ausência”.

Para a autora (*op. cit.*, p. 112),

O fato de a fórmula ser um objeto inscrito em um *continuum* não faz dela, de modo algum, um objeto totalmente acientífico que resiste a uma análise fundamentada. Ao contrário, o caráter contínuo do objeto – e conseqüentemente, a grande diversidade de silhuetas e figuras sob as quais será possível encontrá-lo – faz da noção de fórmula uma noção heurística, suscetível de ser sempre recolocada, revisitada, redefinida.

Para examinar a tênue linha divisória que vai da cristalização formulaica à sua alteração, é necessário, ainda, somar à fundamentação teórica já delineada outro conceito fundamental extraído de Gréssilon e Maingueneau (1984): o *détournement*. O *détournement* ou o *desvio* consiste em “produzir um enunciado que possui marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, mas que não pertence ao estoque de provérbios reconhecidos” (*op. cit.*, p. 114) e que compreende tanto casos de captação quanto de subversão.

3. *Abrindo caminhos*

Entre tantos enunciados e especificidades enunciativas a serem capturados para análise no bojo dos livros ilustrados (também) para crianças, elegeu-se, como já exposto, o espaço do aparente apaziguamento das fórmulas discursivas; apenas aparente, uma vez que as fórmulas estão sempre em movimento, submetidas a constantes alterações.

Mais especificamente, são destacadas para análise duas distintas enunciações-síntese. A primeira delas figura na obra de Odi-lon Moraes, *Pedro e Lua*: “Uma noite, Pedro levava um punhado de pedras, quando uma pedra muito bonita cruzou seu caminho.”. A segunda é fragmento extraído do livro de Liana Leão e Márcia Széliga, *Julieta de Bicicleta*: “Até que um dia uma pedra no caminho atrapalhou Julieta”.

Ao circularem, essas enunciações remetem à famosa máxima: “No meio do caminho tinha uma pedra”, extraída do célebre poema de Carlos Drummond de Andrade – “No meio do caminho” – publicado, pela primeira vez, em 1928.

Embora a referida fórmula tenha conquistado autonomia e sido, portanto, integrada ao repertório de expressões populares do país, a construção “No meio do caminho tinha uma pedra” pode, entretanto, sugerir uma remissão paródica ao início da obra de Dante, *A Divina Comédia*. (Cf. ARRIGUCCI JR., 2002)

Nesse sentido, o poema de Drummond ecoa certa errância sofrida – descrita no percurso do poeta moderno – que, diante do próprio ato inaugural da criação, apresenta-se, ironicamente, já fatigado – “Nunca me esquecerei desse acontecimento/ na vida de minhas retinas tão fatigadas” (DRUMMOND, 1928). E essa fadiga é a do “caminho infundável, que mais parece impedimento que via certa do encontro.” (ARRIGUCCI JR., 2002, p.73).

No meio do caminho, o que se encontra é a pedra irremovível, que corrói a alma ensimesmada e abatida. Reduzido a uma situação narrativa básica, o poema conta um acontecimento, qual seja o “do caminhante que se defronta com o obstáculo – situação essa que se converte no drama íntimo de quem se abate diante da barreira”. (ARRIGUCCI JR., 2002, p. 72)

Inegavelmente, os ditos recriados – “Uma noite, Pedro levava um punhado de pedras, quando uma pedra muito bonita cruzou seu caminho” e “Até que um dia uma pedra no caminho atrapalhou Julieta” – apontam para a recorrência desse significante drummondiano, cujas pistas (“pedra” e “caminho”) é possível seguir. Diante das recriações, o interlocutor captura a circulação de um significante estável e em constante repetição. Tal estabilidade faz-se necessária para seu funcionamento como significante partilhado. Assim, as novas fórmulas fazem ressoar uma que lhes é anterior e sobre a qual estão calcadas. A partir dela, entretanto, propõem novos efeitos de sentido.

Considerando as recriações a seguir: “Uma noite, Pedro levava um punhado de pedras, quando uma pedra muito bonita cruzou seu caminho” e “Até que um dia uma pedra no caminho atrapalhou Julieta”, em paralelo à versão original: “No meio do caminho tinha uma pedra”, verifica-se que são derivações que resultam de diferentes processos de retextualização (MARCUSCHI, 2004). Esses processos figuram em uma associação sintagmática – “no caminho tinha uma pedra” – de certo modo, bloqueada.

O termo “retextualização” é entendido como uma espécie de “tradução”, como uma forma de “reescrita”, que produz mudanças de um texto para o outro; ambos pertencentes, entretanto, à mesma língua. Essa atividade de transformação textual pode ocorrer por apelo a processos de substituição, de acréscimo, de supressão e de fusão, e pode envolver mudanças na forma das expressões cristalizadas em metáforas, ritmo e construção.

Diante do primeiro fragmento, observa-se que o enunciado derivado efetua alterações importantes diante da fórmula canônica. Essas modificações ocorrem por apelo tanto ao recurso da supressão quanto ao do acréscimo de itens lexicais. Tal versão resulta, sobretudo, da inserção dos termos “muito bonita” e “cruzou”, que se relacionam diretamente ao signo “pedra”. Nessa recriação, a arquitetura sintática do dito convencional (SAdv + verbo ter + SN) é bastante alterada. Na nova formulação, que integra o fio da narrativa poética – “Uma noite, Pedro levava um punhado de pedras, quando uma pedra muito bonita cruzou seu caminho” –, o sintagma “uma pedra” passa a exercer o papel sintático de sujeito da oração temporal. Ao assumir essa função, a “pedra” personificada atua sobre o caminho do menino Pedro.

Analisando a segunda construção derivada, verifica-se também o uso da estratégia da supressão aliada à do acréscimo. São suprimidos, na versão inédita, os termos “meio” e “do” do adjunto adverbial, assim como se alarga o dito convencional pela inclusão da expressão “Até que um dia” e do verbo e de seu complemento: “atrapalhou Julieta”. A configuração sintática da oração é alterada, uma vez que o sintagma “uma pedra” é alçado, na nova construção, à condição de sujeito, cuja ação recai, na explicitação da estrutura sintática, sobre o objeto “Julieta”.

As alterações propostas relativamente à construção original não invalidam, contudo, a propriedade de cristalização – de ordem memorial – que as caracteriza e que as pode conduzir à versão primeira. Esse paralelismo que recobre a parte significativa da fórmula não deixa o leitor perder de vista a voz matriz.

Por outro lado, se é verdade que essas formulações concorrentes da fórmula original se inserem num quadro de “pertencimento morfosintático e lexical” relativamente à fórmula original, é verdade também que tais formulações apontam para uma “instabilidade fundamental dos significados”. Em outros termos, as

construções derivadas funcionam como concorrentes das formas primitivas, do ponto de vista sociopragmático, ao encerrarem uma espécie de bifurcação entre o senso comum e seu deslocamento para o universo da obra em que se inserem.

Por sua vez, esse deslocamento é sintomático do uso discursivo que se faz da fórmula “No meio do caminho tinha uma pedra”, uma vez que exhibe a produção de diferentes julgamentos acerca da temática em questão. A propósito, no que concerne a essa dimensão discursiva, atente-se para o fato de que é seu uso linguageiro – circunscrito social e historicamente – que desencadeia o percurso da sequência para o alcance do caráter *formulaico*. Além disso, enquadrar a fórmula numa configuração discursiva equivale a vê-la no papel de um referente social.

Cada vez que é retomada, a fórmula põe em evidência seu papel de referente social, ou seja, a função de ser uma sequência material por que passam, obrigatoriamente, os discursos produzidos no espaço público num determinado período. Isso leva à dimensão do caráter notório da fórmula. Diante de tal notoriedade, como bem elucida Salgado (2011, p. 155), “todos são chamados a assumir alguma posição em relação ao que está condensado no material linguístico cristalizado, sintetizador de usos, de retomadas”.

Para que se flagre a heterogeneidade de posições frente à fórmula focalizada, observe-se, inicialmente, o fragmento extraído de *Pedro e Lua*, obra de Odilon Moraes: “Uma noite, Pedro levava um punhado de pedras, quando uma pedra muito bonita cruzou seu caminho”, em contraste com a máxima: “No meio do caminho tinha uma pedra”.

A fim de acomodar o dito “No meio do caminho tinha uma pedra” à construção da narrativa proposta, o sujeito enunciador particulariza o caminho anunciado pela inserção do pronome adjetivo anafórico “seu”, cujo referente é “Pedro”. Estabelece-se, neste

caso, uma relação semântica de pertencimento entre “Pedro” e “caminho”.

Por meio da introdução do anafórico “seu”, a generalização e a atemporalidade, intrínsecas aos ditos populares, são direcionadas para um fato particular, localizado no tempo e no espaço, de acordo com a história narrada. Isso mostra que, no discurso, o que é normalmente tomado como uma categoria referencial estável pode tornar-se instável, por consequência de uma mudança de contexto ou de ponto de vista. No “aqui” e no “agora” do texto elaborado, a ausência de um agente (o caminho é de qualquer um), estabilizada na versão canônica, torna-se instável pela inserção do pronome “seu”, que remete a “Pedro”.

Para contextualizar, é válido resgatar a história narrada. No referido texto, um menino chamado Pedro vê semelhanças entre a pedra e a lua. Um dia, ao se deparar com uma tartaruga que parecia, inicialmente, uma pedra, Pedro a associa, no entanto, à lua, em razão da beleza do casco esverdeado do bichinho. Assim, o menino acaba por conjugar as imagens da lua e da tartaruga à da pedra. Desse encontro de olhares, nasce uma forte amizade que une Pedro às L/luas.

É nesse enredo que a fórmula derivada se insere e é, nesse contexto, que deve ser analisada, a fim de que se investigue a flutuação semântica da construção fonte e seus correspondentes imaginários sociodiscursivos e os modos de leitura oferecidos.

O conceito “de entrave” interposto na vida de qualquer ser humano, metaforicamente sustentado pela fórmula original é, de certo modo, subvertido na versão derivada, uma vez que o dito é orientado para um sentido diferente do original. Nesse caso, a renúncia é concebida como um *détournement* ou *desvio* que comporta a estratégia da subversão. No interior da história comentada, estabelece-se uma divergência entre o que apregoa a versão convencional e o que a nova instaura. E é justamente por essa bre-

cha da divergência, marcada discursivamente, que capturamos os diferentes imaginários sociodiscursivos constituídos a partir da fórmula selecionada.

Na obra de Odilon Moraes, a leitura da máxima (que “vive” na instância linguageira drummondiana), baseada na metáfora “dificuldades (pedras) são impedimentos para o deslocamento (caminho)”, é, inicialmente, cancelada. Favorece-se, neste primeiro momento do novo contexto, uma construção de leitura calcada na simbolização referencial ²¹ dos termos “pedra” e “caminho”, conforme se vê nos trechos retirados da obra: “... Pedro, que nunca olhava para o chão, tropeçou numa pedra...”, “... E descobriu que as pedras tinham caído da lua...” e “Então, a cada noite, Pedro juntava pedrinhas para perto da lua.”. O menino Pedro julga que as pedras sejam pedacinhos da lua e trata de catá-las aos punhados para colocá-las próximas à sua origem, imaginando a lua como algo semelhante a uma pedra – “Desde que lera num livro que a lua era uma pedra grande que flutuava no céu, Pedro ficara encantado”.

Autoriza-se esse jogo da recriação uma vez que objetos concretos podem ser, efetivamente, encontrados, “juntados” (“Pedro juntava pedrinhas para perto da Lua”) numa via, num caminho: “Uma noite, Pedro levava um punhado de pedras, quando uma pedra muito bonita cruzou seu caminho”.

Além disso, mais especificamente, a leitura do termo “pedra”, segundo sua referencialidade, é favorecida – no interior desse novo universo do discurso – em virtude de o citado mineral integrar, sintagmaticamente, enunciações em que ele pode ser apre-

²¹ Para Charaudeau (2008, p. 37), o ato de linguagem resulta de uma dupla atividade: a simbolização referencial e a significação. A primeira “tende a unir uma forma material a um determinado conteúdo de sentido produzindo uma *condensação semântico-formal*”. A segunda “tende a fazer essa união irromper em uma multiplicidade de relações sentido-forma, produzindo uma *disjunção semântico-formal*”.

ciado conforme sua natureza concreta, como: “... Pedro, que nunca olhava para o chão, tropeçou numa pedra...” e “... Pedro levava um punhado de pedras...”.

Com efeito, cancela-se, inicialmente, a metáfora consensual mais transparente: “dificuldades são impedimentos para o deslocamento”, para se recobrar o sentido de “pedra” como mineral.

Em consequência, com base na leitura referencial dos termos “pedra” e “caminho”, o efeito de sentido produzido é outro. O mineral “pedra” – que se encontra no espaço público – é algo agradável a Pedro. Trata-se de um objeto fruto de grande descoberta (“... e descobriu que as pedras tinham caído da lua”), a que Pedro passa a se dedicar: “Então, a cada noite, Pedro juntava pedrinhas para perto da lua.” e “Uma noite, Pedro levava um punhado de pedras...”.

Ao mesmo tempo, constata-se que uma nova metáfora, a incidir sobre o item “pedra”, parece ser delineada no seio da obra. Identificada a pedra a algo muito bonito – “... quando uma pedra muito bonita cruzou seu caminho” – encerra-se a ideia de que a “pedra” é algo agradável aos olhos do menino e, como tal, algo que é valioso para ele. Nesse sentido, assume-se outra associação metafórica na totalidade discursiva do texto em questão, qual seja a de que “o agradável é valioso”.

O texto se abre a essa nova significação, sobretudo quando o menino descobre ser a pedra uma tartaruga: “Pedro logo descobriu que era uma tartaruga...”. Sob o olhar de Pedro, “a tartaruga” agora é a representação de uma conquista positiva, acentuada pela semelhança entre o bichinho e a lua: “... mas como seu casco parecia uma grande lua esverdeada, ele a chamou – Lua” e “Pedro adorava aquela pedra linda que era Lua...”.

Ainda, assumindo a pedra como uma tartaruga, rompe-se, no interior do texto, com ideia de que a inevitável e permanente

circularidade da pedra inserida no dito é um obstáculo à criação, seja ela poética – como sugere Arrigucci (2002, p. 73): “Nela (na pedra) reside a dificuldade básica que para ele (Drummond) funda a criação: é fator desencadeante e, simultaneamente, entrave do ato poético” – ou não. No universo discursivo de *Pedro e Lua*, a circularidade da pedra é, pelo menos inicialmente, rompida – “Pedro logo descobriu que era uma tartaruga”, encerrando o claro efeito de sentido (significação) positivo da vida.

A pedra identificada à tartaruga é quem cruza o caminho do menino Pedro; ela não está lá imóvel como um entrave perturbador da travessia, mas como algo vivo, desencadeador de descobertas: “... quando uma pedra muito bonita cruzou seu caminho”. Sua vivacidade é atestada ainda pelos movimentos que faz em direção ao menino e aos caminhos que Pedro percorre: “... achava graça em vê-la seguindo seus caminhos”.

Na passagem do dito original às derivas que figuram no texto, observa-se, nesta narrativa poética, não só que Pedro se vê seguido pela pedra/tartaruga – “... vê-la seguindo...”, como também que os caminhos que ele percorre são vários – “... seus caminhos”. Nessa recriação do dito original, ressalta-se que agora há uma multiplicidade de caminhos percorridos pelo menino, como são múltiplas as relações estabelecidas no texto entre Pedro, pedra e L/lua. Além disso, é a “pedra-L/lua-tartaruga” que o segue ao longo dos caminhos, invertendo-se a lógica da versão canônica da máxima. Essa inversão reforça mais uma vez a vivacidade da “pedra” – “E assim foram crescendo, juntos, Pedro... e Lua” – ao mesmo tempo em que corrobora ser ela apreciada como algo que diverte o menino: “... e achava graça em vê-la seguindo meus caminhos”.

Ao mesmo tempo, contudo, o sentido metafórico consensual do termo “pedra” é ainda mantido reconhecível ao final da narrativa poética. Nesse sentido, flagra-se o *desvio* ou *détournement* co-

mo um caso de captação, ao se verificar a utilização da autoridade convencional do estereótipo linguístico.

Ao chegar de férias da cidade, Pedro deseja rever a tartaruga: “Como Pedro não viu Lua, quis saber da tartaruga.”. Para sua surpresa, disseram-lhe que “havia dois meses não aparecia fora do casco”. E, mesmo após chamá-la, “... Lua não veio.”. Diante dessa nova situação, o *continuum* de sentidos flagrado na esfera do dito derivado é retomado. A “tartaruga”, ao não aparecer fora do casco, é fisicamente comparável, em termos de simbolização referencial, a uma pedra, ao mesmo tempo em que passa a representar, no escopo da significação, um impedimento ao encontro. Como um entrave, a pedra/tartaruga deixa os sentimentos do menino corroídos: “Deu dor no coração ver Pedro com saudade da amiga”.

Pedro transita por um *continuum* de sentidos: do referencial ao metafórico, do qual decorre uma produção de efeitos de sentido para o referente, que ora o inserem na perspectiva do objeto físico, na direção tartaruga-pedra: “De noite, foi levar o casco de Lua para junto das pedras”, ora o inserem na perspectiva do que ganha vida, na direção pedra-tartaruga: “Lá, descobriu que tartaruga também tem saudades”.

Mais uma vez, nos campos das associações metafóricas “dificuldades (pedras) são impedimentos para o deslocamento (caminho)”: “Deu dor no coração ver Pedro com saudade da amiga” e “o agradável é valioso”: “Lua tinha mudado de casa. Voltou para a sua”, a pedra/tartaruga lhe rende novas descobertas. Poeticamente, os temas da amizade e da morte são desvelados na narrativa por meio de sutis metáforas que ora aproximam o referente do que é libertador: “Pedro amava Lua” e do que aprisiona: “Lua parecia uma pedra. Escapa-se assim à visão estereotipada de morte e a um didatismo que poderia explicá-la. Pela ótica da criança, o conflito se resolve de maneira poética.

A fórmula derivada, “Uma noite, Pedro levava um punhado de pedras, quando uma pedra muito bonita cruzou seu caminho”, expõe a heterogeneidade constitutiva da fórmula básica, que conduz à construção de outra significação, outros valores, outros imaginários sociodiscursivos. Recria-se, no interior da obra de Odilon Moraes, novo real discursivo justamente pela matéria formulaica que o constitui. O imaginário consensual acionado pelo dito “No meio do caminho tinha uma pedra”, qual seja o que refere os impasses da passagem do homem pela vida, é, em parte, ultrapassado pela leitura multifacetada proposta pela fórmula alterada no texto em tela.

Em *Pedro e Lua*, abre-se para o conglomerado de noções que postula o termo “pedra” como signo: não se impõe à criação a leitura consensual do dito. Isso, aliás, parece já estar configurado no início da própria narrativa, quando se ultrapassa a visão dicotômica de pedra como algo que é irredutível em si mesmo, e de lua como o que liberta: “Pedro queria dizer pedra, mas tinha a cabeça na lua. Lua queria dizer lua mesmo, mas parecia uma pedra”.

A construção em foco transita pelas diversas noções que o signo “pedra” pode comportar, sendo elas, ora mais, ora menos consensuais. A “pedra” é tanto algo que dificulta o deslocamento, quanto o que o torna agradável, sendo, por vezes, até difícil saber onde um sentido começa e o outro termina. Isso revela que a significação se constrói, de fato, no texto, não ocorrendo, previamente, à sua elaboração. Segundo Charaudeau (2008, p. 26), “não se pode determinar de forma apriorística o paradigma de um signo, já que é o ato de linguagem, em sua totalidade discursiva, que o constitui a cada momento de forma específica”.

O imaginário sociodiscursivo do “impasse”, do “fim” e da “morte”, produzido de modo metaforicamente consensual pelo dito “No meio do caminho tinha uma pedra” e ecoado por tantos outros estereótipos linguísticos que se centram sobre tal referente,

como: “Pedra no sapato”; “Tirar leite de pedra”; “Coração de pedra”, é ultrapassado, em parte, no livro *Pedro e Lua*. Recorre-se também, nesta obra, ao imaginário do virtuoso: para Pedro, em seu caminho, tinha (tem) “passagem”, “começo” e “vida”. Por isso mesmo, atesta-se a imbricação da morte e da vida: “Lua parecia uma pedra”. No jogo entre essência (vida) e aparência (morte), a dicotomia morte/vida se apaga em narrativa também endereçada à criança.

A fim de se constatar, mais uma vez, a variável posição de retomada diante da fórmula em tela, examine-se, agora, a passagem inserida no livro de Liana Leão e Márcia Széiga: “Até que um dia uma pedra atrapalhou Julieta”, em contraste com a versão original: “No meio do caminho tinha uma pedra”.

Como já mencionado, essa reformulação, embora aluda à construção fonte, efetua mudanças por apelo tanto à supressão, quanto ao acréscimo. Essas alterações objetivam incorporar à construção original elementos pertinentes à narrativa em questão.

A propósito, a história em tela, intitulada *Julieta de Bicicleta*, inicia-se por descrever as sistemáticas ações da menina Julieta em seu dia a dia – “Julieta acordava exatamente à mesma hora, todo dia” e “Meio-dia, hora da escola, e Julieta, empertigada, de uniforme esticadinho, limpinho, passadinho, ia andando, em uma linha absolutamente reta” – para, em seguida, no tempo da narração, contar as aflições de Julieta, frente às curvas do caminho: “Até que um dia uma pedra atrapalhou Julieta, que parou, estancou, indecisa: Que fazer?”, e, especialmente, relatar a curva que a menina encontra de posse de sua nova bicicleta: “Pedalava num ritmo perfeito até que surgiu uma curva muito encurvada. Julieta estancou. Pensou: ‘O que haverá depois da curva? Essa curva estraga meu caminho em linha reta’...”.

Pela ampliação da fórmula tradicional, verifica-se que ela é capturada para dentro da narrativa. A expressão adverbial “Até

que um dia” abre o texto para o modo de organização narrativo e insere a fórmula derivada no fio da história que se começa a narrar.

Nesta obra, assim como na anteriormente analisada, o leitor, diante da feição contemporânea do enunciado cristalizado, se vê enredado pela possibilidade de lê-lo segundo a simbolização referencial de “pedra” como mineral. Essa afirmação se confirma pela leitura paradigmática estabelecida entre o signo “pedra”, que figura no dito reenunciado, e o termo “pedregulho”, que aparece logo em seguida: “Antes que Julieta tomasse a difícil decisão, um garoto do colégio cruzou sua frente e, displicente, sem perceber, chutou o enorme pedregulho de papel machê”.

Interessante constatar que a esse modo de leitura, calcado no sentido supracitado, soma-se a significação de “dificuldade” proposta pela metáfora consensual: “dificuldades (pedras) são impedimentos para o deslocamento (caminho)”. Em *Julieta de Bicicleta*, não se rompe com a interpretação automatizada proposta para a fórmula canônica; antes, reafirma-se a metáfora consensual mais transparente, sobretudo, pelas evidentes escolhas sintáticas e lexicais. Decorre, daí, um *desvio* ou *détournement* que faz uso da autoridade sentenciosa da máxima em prol de uma reenunção submetida ao processo de captação.

O verbo selecionado, “atrapalhou”, direciona o texto, claramente, para o sentido de “entreve” proposto pela versão original da fórmula. Ao mesmo tempo, acentua-se a ideia de que a “pedra”, no papel sintático de sujeito, é “obstáculo” provocador da dificuldade que atinge Julieta – alvo da ação – em seu deslocamento.

A fórmula derivada, presente no texto em questão, evoca a original, reafirmando sua metáfora mais transparente e facilitando seu reconhecimento. E, além disso, a “pedra” localiza-se em rua denominada “Carlos Drummond de Andrade”, ressaltando-se a intertextualidade por semelhança entre o dito reenunciado e o verso

que figura no poema de Drummond, verso que se fez máxima do repertório popular.

No universo do discurso de *Julieta de Bicicleta*, a fórmula modificada transita pelas noções que instituem a “pedra”, tanto como mineral, quanto como “entrave”. Especialmente, a “pedra”, lida conforme a metáfora consensual, é, de fato, algo que dificulta o deslocamento. Nessa direção, percebe-se que o desvio da versão inédita da fórmula, relativamente à canônica, passa a ser mínimo. Neste caso, portanto, reforça-se o imaginário sociodiscursivo do “impasse”, do “fim” e da “morte”, que circula a propósito da renúncia “Até que um dia uma pedra atrapalhou Julieta”.

4. (Im)passes do caminho

Foi de grande interesse apreender as posições de retomada – assumidas pelas diferentes obras e por seus correspondentes imaginários sociodiscursivos – diante do que se sintetizou pela fórmula discursiva “No meio do caminho tinha uma pedra”.

Aliás, sendo essas retomadas às fórmulas o que as instauram como centro de polêmica, evidenciou-se, nessa travessia em que a fórmula em questão se fez ponto de passagem obrigatório, que, a cada nova enunciação, houve a construção de um referente próprio. Em outros termos, cada enunciação, atravessada inevitavelmente pela fórmula, assumiu, relativamente a ela, posição, ora mais “problematizadora” – “Uma noite, Pedro levava um punhado de pedras, quando uma pedra muito bonita cruzou seu caminho” – ora mais consensual – “Até que um dia uma pedra atrapalhou Julieta.”, na rede interdiscursiva em que se situa.

Assim, neste trabalho, constatou-se a heterogeneidade constitutiva das fórmulas básicas, especialmente da construção “No meio do caminho tinha uma pedra”, explicitada nas derivas analisadas. Pôde-se perceber como tal variabilidade produziu modos de

leitura voltados a um conglomerado de sentidos, ora mais, ora menos constantes.

E esse *continuum* de sentidos – da simbolização referencial à significação – impulsionou as distintas construções de leitura relativas às obras *Pedro e Lua* e *Julieta de Bicicleta*.

Em *Julieta de Bicicleta*, apontou-se, unicamente, para a confirmação do imaginário sociodiscursivo do impasse, do fim e, quiçá, da morte que se interpõe na travessia – dentro daquilo que foi pré-fixado pelo consenso. Nesse sentido, enredou-se/implicou-se o/um leitor aprendiz dentro de um modo de leitura que o integra ao mundo por conformidade a uma crença já instaurada coletivamente.

Por sua vez, em *Pedro e Lua*, a leitura se construiu em direção também a novo valor, crença e princípio – no âmbito do que foi modulado pela singularidade – uma pedra no meio do caminho pode ser símbolo da passagem, do começo, da vida, agradável ao sujeito que a encontra, em razão do valor inestimável que agrega ao percurso vivido. Nesse sentido, libertou-se/implicitou-se o/um leitor aprendiz, engajado em um modo de leitura provocativo e formativo.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., D. *Coração partido*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

Linguagem em (Re)vista, Ano 09, Nºs 17-18. Niterói, 2014

GRÉSILLON, A.; MAINGUENEAU, D. Polyphonie, proverbe et détournement. *Langages*, Paris, n. 73, p. 112-125, março, 1984.

HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de “fórmula” em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

LEÃO, L.; SZÉLIGA, M. *Julieta de bicicleta*. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

MORAES, O. *Pedro e Lua*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MOTTA, R. M.; SALGADO, L. *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.